

FABIANA COSTA GONÇALVES



ENSINO DE ARTE E EDUCAÇÃO INFANTIL

GOVERNADOR VALADARES

2011
FABIANA COSTA GONÇALVES

ENSINO DE ARTE E EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Claudia
Regina dos Anjos

GOVERNADOR VALADARES

2011

FABIANA COSTA GONÇALVES

ENSINO DE ARTE E EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Claudia Regina dos Anjos

Membro da Banca: Geraldo Freire Loyola - Belo Horizonte

GOVERNADOR VALADARES

2011

A Deus pelo dom da vida.

Aos meus familiares, que vivenciaram as etapas deste trabalho, incentivando e confiando no meu potencial.

Ao Lucas, meu companheiro de sempre.

Aos meus amores que me enchem de alegria e disposição: Antônio, João e Arthur.

À Cláudia Regina, pela dedicação e comprometimento, me proporcionando a segurança necessária para a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À todos os profissionais envolvidos da faculdade, que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização desta pesquisa, bem como me proporcionaram saberes necessários à prática educativa;

Ao Instituto Imaculada Conceição, instituição que me proporciona desde os três anos de idade, muita beleza, arte, conhecimento, experiência, amor e desejo pelos estudos;

Aos professores que se dispuseram em participar da pesquisa de campo, sem os quais não seria possível a realização deste trabalho;

Aos meus colegas de trabalho que compartilham dos mesmos ideais de concepção de educação, de infância, de Arte e de escola.

RESUMO

Este estudo propõe uma reflexão e compreensão de como é desenvolvido o ensino de Arte na educação infantil, a partir da reflexão teórica a luz dos dados de campo em duas escolas particulares da cidade de Governador Valadares. A pesquisa busca descrever e analisar as práticas efetivas desenvolvidas nesse ensino. A metodologia da pesquisa foi o Estudo de Caso. As técnicas utilizadas foram a observação, depoimentos orais e entrevista semi estruturada. O resultado marca a falta de formação e qualificação dos professores de Arte e a desarticulação de uma proposta de Arte para a primeira infância.

Palavras-chave: Arte – Ensino – Infância.

SUMÁRIO

Introdução

.....

07

1. Cap. 1 - O espaço do ensino de Arte na infância

.....

09

2. Cap. 2 - Arte na educação infantil

.....

19

3. Cap. 3 - Analisando as práticas docentes e os materiais utilizados

.....

26

Considerações

.....
finais

32

Referências

.....

34

INTRODUÇÃO

O ensino de Arte na educação infantil vem sendo pesquisado e analisado ao longo dos anos e algumas questões que se colocam nesse cenário diz respeito ao que pensa o professor dessa disciplina, como é o currículo, quais materiais didáticos devem e estão sendo utilizados, como serão confeccionados, entre outras. Por isso é cada vez mais urgente e importante a implicação dessas discussões no cotidiano da escola, especificamente, nas aulas de Arte.

Algumas questões me moveram neste trabalho: “como se dá o ensino de Arte na educação infantil?”. Que pensam os professores sobre esse ensino? Quais os materiais são apropriados para esse público específico? Esse tema de pesquisa surgiu por ser um tema tão emergente e atual.

Ao longo desses anos de profissão, de relação com a educação infantil, seja nas práticas de estágio, de leituras e pesquisas, das práticas de colegas profissionais e também das minhas, vem surgindo o incômodo sobre como a Arte vem sendo trabalhada nas escolas. Nessas observações ficam visíveis as diferentes concepções e metodologias utilizadas pelos professores e escolas. No desejo de refletir sobre as práticas pedagógicas relacionadas ao ensino de Arte, relacionadas à infância, alguns aspectos importantes observados em campo serão discutidos ao longo deste trabalho.

O capítulo 1 aborda um breve histórico das turmas observadas, com o intuito de perceber qual é o espaço dedicado ao ensino de Arte.

No capítulo 2, encontra-se a leitura de uma concepção de criança capaz de construir significados por meio da Arte. Diferentes autores discutem o papel do ensino de Arte na infância, focalizando os múltiplos olhares.

No capítulo 3, a narrativa sobre a pesquisa de campo permite compreender as relações que se estabelecem entre os professores e o ensino desta disciplina no contexto educacional de duas escolas, revelando a concepção desse ensino por parte dos professores.

Nas considerações finais, o alcance dos dados, revelando que o desafio de discutir a Arte na primeira infância é a mudança de procedimentos e atitudes dos professores e todos envolvidos neste processo de ensino/aprendizagem.

Para este estudo foi definida a seguinte metodologia:

- Revisão de literatura para a consulta de obras e autores que abordam o ensino de Arte, para o conhecimento das pesquisas mais recentes sobre o tema e das questões acima colocadas sobre a prática deste ensino;
- Pesquisa de campo para Estudo de Caso em duas escolas particulares, a fim de verificar o planejamento realizado para o ensino de Arte.

Para auxiliar o Estudo de Caso busquei na revisão de literatura alguns autores que serviram de base teórica para minha análise, entre eles posso citar: Ana Mae Barbosa, Analice Dutra Pillar, Mirian Celeste Martins, Luciana Esmeralda Ostetto, Viktor Lowenfeld, entre outros. A escolha das duas escolas para a pesquisa de campo foi de acordo com a acolhida das diretoras da escola, já que em algumas escolas procuradas anteriormente não foi possível a realização dessa prática. A observação foi nas turmas de 4 e 5 anos, na qual, através de uma entrevista, os professores tiveram a oportunidade de partilhar suas práticas. Pude perceber através das situações de aprendizagens desenvolvidas como se dá este ensino e desta forma, avaliar a concepção de educação em Arte das educadoras.

Tal estudo foi realizado com os objetivos que permitiram:

- Discutir os materiais utilizados no ensino de Arte;
- Compreender como está o ensino de Arte na Educação Infantil;
- Analisar a visão dos professores e suas práticas pedagógicas referentes a esse ensino.

Capítulo 1

O espaço do ensino de Arte na infância

*“O cotidiano educativo é um reino de possibilidades.
A vida é um reino de possibilidades. Não façamos dele
e dela uma dura canção, repetitiva, amarrada e mecânica.
Transformemos essa possibilidade num hino à invenção,
lembrando sempre que a todo momento precisamos sonhar
para criar”*

Ostteto

A prática cotidiana educativa convida educadores a criar e recriar espaços e tempos significativos na vida da criança. Da mesma forma, articulem objetivos coerentes com as indicações contemporâneas da educação e com a proposta pedagógica da instituição educativa que está inserida. Seria impossível falar do espaço dedicado à infância sem falar das ações que implicam a dinâmica desse espaço. E para refletir sobre essa ação, é também necessário falar daquele que organiza e planeja o trabalho, o professor. Por isso, na ação educativa o professor tem o papel de destaque e de grande responsabilidade.

Para Freire (1996) cabe ao professor ensinar com segurança, competência profissional e generosidade. O autor defende que

a segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência. O professor que não leve a

sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. (FREIRE, 1996, p. 103).

Resta-nos o convite para refletirmos diante dessa visão, na qual o educador é responsável pela formação de outro ser e como o próprio autor revela que na educação, a formação acontece em comunhão. Ao mesmo tempo em que formamos, somos formados também. Cabe a nós a reflexão constante sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas na educação.

1.1 O que nos mostra o espaço infantil?

Duas escolas foram visitadas com o objetivo de ser investigadas sobre as práticas relacionadas ao ensino de Arte, a fim de evidenciar como está esse ensino. Depois de terem aceitado a serem pesquisadas, iniciamos o período de observação. Foi possível encontrar uma dinâmica tradicional nas duas escolas, nas quais professores direcionavam atividades propostas. Aqui denominaremos escola João Arthur e Antônio Nunes. Vale ressaltar que são duas escolas particulares localizadas em bairros distintos de Governador Valadares.

A escola João Arthur oferta apenas a educação infantil e o 1º ano do ensino fundamental. É uma escola pequena. A escola atende uma média de 120 crianças, com nove professores e onze funcionários. O público dessa escola pertence à classe média baixa. A escola apresenta em sua infra-estrutura: biblioteca, cantina, mini espaço para atividades físicas, entre outros. Nessa escola, não existe local específico para atividades de arte, as quais são realizadas na própria sala de referência.

A escola Antônio Nunes atende alunos da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. É próxima do centro da cidade, atendendo em média 160 alunos, quinze professores e quatorze funcionários. Seu espaço físico é pequeno, com salas pequenas, biblioteca, cantina, pátio, mini quadra, entre outros. Também não

apresenta espaço específico para realizar atividades de Arte. Muitas delas são realizadas na biblioteca. Em relação à proposta pedagógica da escola não tive acesso ao material escrito e a professora revelou a visão da escola em relação ao ensino de arte em depoimento:

a arte está presente em tudo e para que a formação da criança seja integral, nosso papel é envolver e oferecer um ensino de qualidade com diferentes formas de expressão (Depoimento da professora Maria, 09/08/2011).

A observação do espaço escolar nos ajuda compreender, entre outros, a concepção de Arte dessa escola, como as metodologias que permeiam as aulas.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil/RCNEI (1998) a Arte enquanto linguagem é uma importante forma de expressão e comunicação e, dessa forma, justifica sua presença no contexto da educação, principalmente na educação infantil. Embora o documento trate a arte enquanto linguagem, neste a arte será enquanto expressão, conhecimento. Nessa perspectiva propõe-se um trabalho articulado, contextualizado. O documento também sinaliza a proposta de desenvolvimento da capacidade artística e criativa ancorado numa prática reflexiva das crianças ao aprender, articulando ao mesmo tempo a ação, a percepção, a sensibilidade, a cognição e a imaginação.

O RCNEI (1998) indica três possibilidades de orientação de organização: as atividades permanentes, as sequências de atividades e os projetos. Configura-se, dessa forma, numa proposta aberta e flexível, um documento norteador, que pode auxiliar o professor em suas práticas.

As atividades permanentes são “situações didáticas que acontecem com regularidade diária ou semanal, na rotina das crianças” (RCNEI, 1998, p.108). As sequenciais se constituem “em uma série planejada e orientada de tarefas, com objetivo de promover uma aprendizagem específica e definida (...) que podem fornecer desafios com diferentes graus de complexidade” (RCNEI, 1998, p. 108). E por fim, tratando-se de projetos, “envolvem diferentes conteúdos e que se

organizam em torno de um produto final cuja escolha e elaboração são compartilhadas com as crianças” (RCNEI, 1998, p. 108).

E para o desenvolvimento dessa proposta, o documento discute a necessidade de materiais para a produção artística, destacando a importância da diversidade de instrumentos, meios e suportes. No RCNEI (1998) encontramos sugestões, tais como: lápis preto, lápis de cor, pincéis, lápis de cera, carvão, giz, brochas, rolos de pintar, espátulas, papéis de diferentes tamanhos, cores e texturas, caixas, papelão, tintas, massas diversas, argila, barbantes, cola, tecidos, linhas, lãs, fita, crepe, tesouras etc. Ressalta também a importância de diversos materiais, sucatas e objetos e a necessidade de selecionar pela qualidade estética e segurança. Outro dado observado é o uso, na atualidade, das tecnologias na produção artística dialogando com a realidade dos educandos. Ou seja, devem ser oferecidas diferenciadas e inúmeras possibilidades nesse campo.

Com o olhar atento a essas demandas para o ensino de arte, foram analisadas duas entrevistas com as professoras que se dispuseram a relatar suas práticas e formação acadêmica. Segundo os dados coletados na Escola João Arthur as aulas de Arte não tem data e hora marcada na turma de cinco anos, são situações proporcionadas cotidianamente, com o foco de que “a arte está em tudo”. Essa condição não garante o desenvolvimento e realização de aulas de Arte, pelo contrário, corre-se o risco de não estar em nada, não ser trabalhada.

Já na Escola Antônio Nunes as aulas de Arte acontecem quatro vezes por semana na turma de quatro anos. Percebe-se nessas duas realidades uma visão descompromissada e descontextualizada com o ensino de Arte, como no caso de toda uma turma colorir um mesmo desenho criado por um adulto, reduzindo a Arte a atividades que sejam igualmente distribuídas para todas as crianças de uma sala e, para agravar a situação, um tempo estipulado de cinquenta minutos, no qual a criança que não realiza é convidada a parar a atividade e continuar em outro momento.

O RCNEI (1998) auxilia nessa reflexão, ao relatar sobre a importância do interesse do grupo de crianças, poder de concentração

e prazer na situação de aprendizagem, ou seja, além das atividades terem o foco em arte, é necessário também sensibilidade e capacidade de observar o ritmo dessas aulas na primeira infância, descartando assim, a 'arte em tudo' e a 'arte hora-aula'.

Foi possível na observação de campo perceber várias práticas como atividades de arte em que a criança apenas coloria um desenho estereotipado feito por um adulto, recortes sem significados apenas para aprimorar essa habilidade, desenhos orientados por um adulto (um sol não poderia ser azul e um cabelo não ficava bem de roxo), entre outras.

De acordo com Martins (2008), em nossa realidade, é comum o foco em situações de aprendizagem em que a individualidade da criança não é respeitada, nas quais a expressividade dá lugar somente a linguagem plástica, esvaziando de sentido a construção desta área de conhecimento.

As professoras foram convidadas a responder algumas questões na perspectiva de refletir sobre a Arte no dia-a-dia de suas aulas, analisando-as: 1- O que é arte para você? 2 – Quais materiais pedagógicos você utiliza nas aulas de Arte? 3 – Como você avalia as aulas de arte para educação infantil? 4 – Como a Arte apareceu em sua formação profissional? Qual visão? Qual concepção?

Tanto na Escola João Arthur quanto na Antonio Nunes em relação à primeira pergunta, ambas responderam de forma generalizada: “é tudo”, “são várias formas de expressão”. Essa visão nos permite avaliar a falta de experiência com a produção artística e inconsistência de fundamentação teórica do ensino de Arte, correndo-se o risco de maquiar por inúmeras atividades repetitivas e sem contexto, como se arte não fosse uma área de conhecimento com conteúdos próprios para o desenvolvimento de competências e habilidades.

Em relação aos materiais didáticos utilizados nas escolas, de acordo com o depoimento da professora Maria, são: folha, o lápis de cor e a canetinha, no intuito de registrar através de desenhos, diferentes atividades de outras áreas de conhecimento, sejam de noções lógico matemáticas, natureza e sociedade etc. (Depoimento da

professora Maria, em agosto/2011). Já na Escola Antonio Nunes foi observado uma variedade desses materiais, buscando explorar diferentes objetos: cola, tesoura, canetinha, tinta, massinha etc.

Pensando assim, numa realidade em que muitos materiais de Arte são utilizados e pensados de forma tradicional, é necessário refletir sobre um material enquanto aspecto fundamental no ensino da Arte. Também em materiais mais atrativos, diversificados e apropriados para esse ensino.

Nas duas turmas, de 4 e 5 anos, foi pontuado pelas professoras as aulas de arte como “boa”, já que as crianças adoram desenhar, colorir, pintar etc. Muitas atividades xerografadas, sem contexto e sem fundamentação são apresentadas as crianças.

Percebi que a preocupação era em preencher o tempo no momento de Arte sem a preocupação de construir conhecimentos e desenvolver competências e habilidades próprias da disciplina. O desenho de uma família tradicional (pai, mãe e irmãos) foi apresentada na semana da família para que as crianças escolhessem: pintar ou colorir.

A professora da Escola Antonio Nunes lembra vagamente da disciplina Arte, na Faculdade de Pedagogia e, a professora da Escola João Arthur, afirma ter visto na faculdade uma nova concepção de ensino de Arte, diferente de tudo o que viveu na época em que estudava. Nenhuma das duas fez cursos ou pós-graduações na área, mas, no entanto, disseram ser de suma importância a especialização para a prática desse ensino.

1.2 Estereotipando a Arte

Em relação à crítica sobre os desenhos estereotipados vale a pena considerar O RCNEI (1998) quando diz:

No início, a criança trabalha sobre a hipótese de que o desenho serve para imprimir tudo o que ela sabe sobre o mundo e esse saber estará relacionado a algumas fontes, como a análise da experiência junto a objetos naturais (ação física

e interiorizada); o trabalho realizado sobre seus próprios desenhos e os desenhos de outras crianças e adultos; a observação de diferentes objetos simbólicos do universo circundante; as imagens que cria... É assim que, por meio do desenho, a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem então ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos. (RCNEI, 1998, p.93).

Dessa forma, percebe-se o desenho da criança como uma possibilidade de expressão. Nas etapas descritas do desenho na citação acima há a expressão dos significados que a criança dá ao mundo, aprimorando suas habilidades artísticas.

Em suas orientações didáticas o RCNEI (1998) destaca:

Para que a criança possa desenhar, é importante que ela possa fazê-lo livremente sem intervenção direta, explorando os diversos materiais... Há várias intervenções possíveis de serem realizadas e que contribuem para o desenvolvimento do desenho da criança. Uma delas é, partindo das produções já feitas pelas crianças, sugerir-lhes, por exemplo, que copiem seus próprios desenhos em escala maior ou menor. Esse tipo de atividade possibilita que a criança reflita sobre seu próprio desenho e organize de maneira diferente os pontos, as linhas e os traçados no espaço do papel. Outra possibilidade é utilizar papéis que já contenham algum tipo de intervenção, como, por exemplo, um risco, um recorte, uma colagem de parte de uma figura etc., para que a criança desenhe a partir disso. (RCNEI, 1998, p. 101).

Além do conhecimento em que a criança vai estabelecer com diferentes materiais, a exploração sensorial e as diferentes produções possibilitará fruir e apreciar o que foi por ela mesma produzido, por seus colegas ou artistas, desde que a apreciação esteja na prática do professor.

Importante ressaltar, da mesma forma, que a caracterização do

espaço escolar com a marca da criança auxilia no desenvolvimento do ambiente ser desenvolvido pelos envolvidos do processo ensino/aprendizagem, convidando a criança para construir a identidade do próprio espaço frequentado. Para que essa proposta seja de fato efetivada, para que a criança possa se desenvolver na organização do próprio espaço com produções e expressões próprias faz-se necessário uma nova postura do educador de Arte. Caso contrário, as práticas não terão resultados se não forem fundamentadas.

De acordo com Barbosa (2008), um dos pontos mais discutidos em todos os níveis de ensino é a formação do professor. Uma das cobranças relativas a esse profissional é a autonomia que pressupõe clareza e responsabilidades em suas escolhas e decisões.

Coutinho (2008) faz algumas considerações relevantes sobre essa formação do professor de Arte. Dentre os pontos de reflexão em seus estudos, aponta a necessidade de atentarmos para as licenciaturas em Arte. Outro ponto discutido é a formação de alunos com postura reflexiva, pesquisadora e crítica. Faz-se necessário também a relação cotidiana com a Arte em diferentes âmbitos.

Ostetto e Leite (2004) em tom poético, numa proposta que envolve Arte, infância e formação de professores, identificam uma prática observada na educação infantil “ainda são muito comuns os exercícios de prontidão, o treino de habilidades motoras” (p. 82).

Ainda Ostetto e Leite (2004), reflete sobre a preocupação da formação desse profissional a necessidade que os profissionais da primeira infância têm em criar espaços e momentos de interlocução, nos quais educadores e educandos são convidados a falar e ouvir suas experiências, atentos a possibilidade de discutir e questionar significados nesse ensino. Essa proposta envolve a orientação das futuras ações, fugindo de práticas que não questionam e nem fazem pensar.

Leite e Ostetto (2004) já sinalizavam preocupações relativas à arte na educação infantil: “como favorecer um espaço de transgressão e criação, de formação de sentidos e significado no interior dessas instituições? Como trabalhar cercado de grades curriculares?” (LEITE e OSTETTO, 2004, p.11).

As autoras compreendem a necessidade dos educadores e equipe pedagógica pensarem suas práticas por meio da ampliação do olhar, escuta e movimentos sensíveis. A necessidade de repensar a Arte para se criar com significado deve buscar dessa forma uma contextualização entre Arte e Educação.

Corsino (2005) ao escrever sobre as áreas de conhecimento a serem trabalhadas com as crianças destaca que a criança deve trabalhar suas infinitas possibilidades para o desenvolvimento de suas habilidades e da sua expressão. A autora acredita que muito mais do que apreciar uma Arte, ela deve experimentar situações de aprendizagem, atuando dessa forma por meio de diferentes expressões. Ou seja, além de apreciar, deve produzir, construir, interpretar.

Segundo Lowenfeld (1970), a arte é manifestada numa importante atividade criadora na educação ao se apresentar como um meio de compreender o desenvolvimento, seja ele emocional, intelectual, físico, perceptivo, social e estético, meio esse que contempla um espaço, um momento, uma oportunidade para que esses aspectos sejam desenvolvidos.

O desafio é selecionar propostas, materiais, temas e metodologia que possibilitem o desenvolvimento das expressões artísticas com a criança.

Ainda de acordo com Coragem (2002), existem situações que são necessárias a formação das crianças:

É fundamental oferecer situações exploratórias, favorecer as possibilidades lúdicas, organizar uma proposta dinâmica e variada e promover atividades coletivas para incentivar sua socialização. É importante criar um ambiente receptivo; enfatizar o fazer na construção, na participação ativa do aluno; estimular a curiosidade, a reflexão e a sensibilidade; organizar situações de aprendizagem gradativamente desafiadoras (CORAGEM, 2002, p. 94).

Considerando as observações acima somos convidados a pensar nas metodologias aplicadas a esse ensino. Quais caminhos

metodológicos têm se oferecido e vivenciado? Como tem sido desenvolvida a Arte?

É preciso, pois, uma articulação na qual educando, educador e coordenação pedagógica construam os materiais didáticos que enriqueçam as relações de aprender a aprender, a partir de uma postura de constante busca, que suponha capacidade crítica e de autocrítica.

Desta forma, refletir sobre a formação de professores, seja nos aspectos de autonomia, postura crítica, currículo, significado nas situações de aprendizagem e possibilidades, nos remete a necessidade de formação mais efetiva e significativa dos professores de Arte.

Capítulo 2

Arte na educação infantil

A ARTE

Um escultor trabalha num estúdio imenso rodeado de crianças.
Todas as crianças do bairro são suas amigas.
Um belo dia a prefeitura lhe pediu um grande cavalo para uma praça da cidade.
Um caminhão trouxe ao estúdio um bloco gigante de granito.
O escultor começou a trabalhá-lo, subindo numa escada, a golpes de martelo e cinzel.
As crianças olhavam-no.
Então as crianças saíram de férias rumo às montanhas ou ao mar.
E uma das crianças, com os olhos muito abertos, perguntou-lhe:
- Mas... Como você sabia que dentro daquela pedra tinha um cavalo?
(Eduardo Galeano)

Neste capítulo, será abordada a proposta para o ensino de Arte na Educação Infantil, mais especificamente, como está seu ensino nessa modalidade.

2.1 A criança da Educação Infantil

O ensino de Arte modifica-se da mesma forma em que se alteram as concepções que temos sobre a criança ao longo dos anos, devendo assim, refletir e propor novas ações e metodologias.

Da mesma forma que os métodos, as práticas e os objetivos são

reavaliados no cotidiano escolar, o trabalho a ser desenvolvido pelo professor, também, não pode ser mais o mesmo. Dessa forma, é necessário refletir sobre a capacidade que a criança tem de pensar, criar e produzir, no intuito de reformular e repensar as práticas e pedagogias para o ensino de Arte na primeira infância.

De acordo com Kinney e Wharton (2010), as crianças são participantes, agentes sociais ativos, construtoras de significado e coconstrutoras da aprendizagem. Ao falar da criança como participante, retrata-se um ser que tem oportunidade para a dependência e interdependência, tempo para pensar, para interagir, para se relacionar e estabelecer conexões. Essa prática nos revela reconhecer a necessidade de uma série de oportunidades e experiências que devem ser disponibilizadas as crianças na relação com outras crianças e na relação com adultos, inclusive nas situações de aprendizagem que envolve Arte.

Kinney e Wharton (2010) complementam a criança enquanto agente social ativo, possibilitando reconhecê-la enquanto participante ativo, no centro do processo, envolvidas no planejamento e na revisão da própria aprendizagem. Ao ser construtora de significado, permite-se um trabalho por meio da escuta e observação atenta, entendendo que a criança se envolve naturalmente e ativamente na busca de sentido, constrói significados no cotidiano escolar.

A criança, nessa perspectiva, é convidada a refletir, se posicionar, criar, inventar e participar do planejamento cotidiano, sujeito de seu processo de aprendizagem.

2.2 O trabalho pedagógico na Educação Infantil

De acordo com a crítica de Tourinho (2008) em muitas escolas a arte cumpre o papel do desenvolvimento da moral, da sensibilidade e da criatividade, como forma de lazer, recreação e divertimento. Atende também necessidades da escola, tais como ornamentação em datas comemorativas, situações de memorização de conteúdos. Outro dado

é a utilização da arte como um descanso ou como ilustração de outras disciplinas.

E o que isso implica na prática pedagógica?

Um olhar criterioso e curioso deve perpassar nos materiais didáticos de Arte da Educação Infantil como também na formação desses profissionais.

Segundo Loyola (2010),

o material didático é uma parte imprescindível no ensino e aprendizagem em Arte. Ensinar Arte, porém, não é uma atividade simples, não acontece de forma linear e os resultados não são coincidentes. Portanto, os recursos didáticos para o ensino de Arte nem sempre funcionam como uma receita passo a passo e nem sempre o livro impresso é o material mais indicado para que determinadas atividades sejam desenvolvidas. (LOYOLA, 2010, p.1).

Dessa forma, há uma necessidade de repensar um planejamento no qual a utilização do material didático a ser utilizado favoreça e enriqueça a atividade no sentido de criação e reflexão na construção da Arte em si.

Loyola (2010) acrescenta ainda que o material didático de Arte

deve ser instigante e despertar a curiosidade dos alunos, deve *tocá-los esteticamente*, no sentido de provocar estímulos e interesse em saber do que se trata, do que é feito, da possibilidade de experimentá-lo e compreendê-lo etc... As concepções contemporâneas do ensino de Arte pressupõem a arte como área de conhecimento, como expressão e como cultura e as orientações didáticas devem priorizar ações e intervenções que estimulem a construção de conhecimentos em arte e a ampliação da percepção estética dos alunos. O professor deve escolher conteúdos e procedimentos que proporcionem ao aluno habilidades tanto para produzir o próprio trabalho quanto para apreciar e analisar a produção dos colegas, a produção de arte local e a do patrimônio artístico em geral. (LOYOLA, 2010, p.1)

Outro aspecto que também merece destaque ao se pensar em materiais didáticos para o ensino de Arte é o encontro com a tecnologia. Loyola (2010) ressalta que:

O emprego de tecnologias contemporâneas é outro componente que não se pode esquecer na referência a materiais didáticos para o ensino de Arte na atualidade. O uso de equipamentos tecnológicos está consolidado no dia a dia dos alunos e da escola e constituem-se em ferramentas pedagógicas importantes para trabalho com os alunos... (LOYOLA, 2010, p. 2).

Primeiramente é necessário revelar que muitas escolas em Governador Valadares não adotam livros e ou apostilas para o ensino de Arte. A ideia inicial dessa pesquisa era avaliar os materiais didáticos encontrados e fazer a relação com a proposta pedagógica para esse ensino. Como não tive contato com a adoção desses materiais nas escolas visitadas, comecei a pesquisar o que era encontrado então nas aulas dessa disciplina.

As situações propostas de atividades encontradas na pesquisa de campo nos fazem pensar sobre o significado e a razão de ensinar arte. Segundo Magalhães (2008, p.161) “o desenvolvimento da prática de ensino de qualidade diz respeito à aproximação e à contextualização do conhecimento artístico, histórico e cultural”, o que não foi visualizado em campo durante o período de observação nas escolas.

De acordo com o RCNEI (1998) a forma como é desenvolvida as Artes Visuais na Educação Infantil mostra um desencontro entre teoria e a prática. Como vimos anteriormente nas práticas encontradas, muitas propostas são vistas como passatempos sem significado, ou como uma prática meramente decorativa, que pode vir a ser utilizados como reforço de aprendizagem em vários conteúdos, como desenhos estereotipados, recortes de colagens sem significados, sem contextualização, etc.

E o que propõe esse referencial? Propõe um trabalho de desenvolvimento da arte de acordo com a faixa etária da criança e nível de desenvolvimento. Nessa proposta, alguns pontos

fundamentais são necessários e destacados “o pensamento, a sensibilidade, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição” (1998, p. 89).

Alguns objetivos são apontados pelo RCNEI (1998), tais como: ampliar o conhecimento de mundo que possuem, manipulando diferentes objetos e materiais, explorando suas características, propriedades e possibilidades de manuseio, ou seja, uma proposta totalmente diferente de centralizar no colorido apenas de desenhos, além, é claro, dos desenhos estereotipados, presentes em muitas situações de aprendizagem.

Antes de realizar esta pesquisa eu me incomodava apenas com as escolas que adotavam livros ou apostilas para o ensino de Arte, por ficarem presas as atividades propostas por um autor. Através de pesquisas em bibliotecas e escolas pude constatar que em muitas escolas de Governador Valadares não existe a adoção de materiais didáticos, especialmente, o livro didático de Arte, no entanto, muitas atividades fotocopiadas sem contexto fazem parte da prática desse ensino.

Schilichta (2010) indaga:

“(…)os livros didáticos propõem um trabalho de formação dos sentidos? As atividades artísticas propostas, primeiro, possibilitam a ampliação do tempo e do espaço de contato com a produção cultural? Segundo, permitem aos diferentes alunos se apropriarem das técnicas enquanto estilos inventados pelos artistas? Terceiro, possibilitam ao aluno tanto conhecer quanto compreender os diferentes estilos, na sociedade ou na escola, como formas de representação do mundo por meio das linguagens artísticas? Propõem tanto atividades artísticas como meios de representação da realidade quanto exercícios de apreciação da produção de diferentes artistas?” (SCHLICHTA, 2010, p.5)

Segundo a autora, o saber artístico no livro didático muitas vezes apresenta-se como uma receita de diferentes técnicas a serem seguidas e aplicadas, restringindo dessa forma a Arte ao desenvolvimento da coordenação motora. Nesse caso, o foco das

situações de aprendizagem é o desenvolvimento de técnicas, tais como: recortar, colar, pintar, etc.

Fazendo relação entre as atividades desenvolvidas nas escolas que não adotam livros e apostilas e daquelas que adotam pode-se perceber que o ensino de Arte necessita sim de materiais didáticos de apoio e orientação, mas o diferencial é o material a ser utilizado, seja livro, apostila, ou folha branca, um objeto que se aproxima da realidade e do contexto a ser trabalhado com as crianças tem que fazer sentido para a criança.

Schlichta (2010) acrescenta:

Evidentemente que não se pode esquecer que historicamente o professor tem se subordinado ao material didático, tomando o livro no sentido restrito de manual ou guia, diga-se de passagem, inútil. Conseqüentemente os materiais curriculares é que assumem a função de mediação no processo ensino-aprendizagem. Contudo, embora tenha seu lugar cativo na escola, como “guia” ou como “referencial desencadeador de atividades significativas” não pode ser a única fonte de aprendizagem. E, claro, deve primar pela reflexão, ser um instrumento aberto à iniciativa do professor e concebido numa perspectiva interdisciplinar. (SCHLICHTA, 2010, p.11)

O material que poderia ser adotado ou utilizado pelo educador receberia influência pela ideia do RCNEI (1998) ao se tratar das Artes Visuais, compreendendo diferentes dinâmicas que envolvem a pintura, o desenho, a fotografia, a escultura, etc. o que se percebe, é que muitas vezes tais dinâmicas não são exploradas de acordo com as possíveis contribuições que podem atuar no desenvolvimento das crianças. O RCNEI (1998) enriquece ainda ao afirmar que a Arte na educação infantil deve garantir que as crianças ampliem seus conhecimentos na manipulação de diferentes materiais e objetos por meio de comunicação e expressão e também ampliar o conhecimento através de diferentes contatos de obras artísticas, propiciando dessa forma o interesse, o gosto, o cuidado e o respeito pelas suas próprias produções e produções de outras pessoas.

Falando sobre a arte na educação de crianças, percebe-se a necessidade de repensar tanto a escolha e utilização de materiais

didáticos. E mais necessário ainda é repensar a atuação do educador e sua formação. Sua didática deve estar pautada num trabalho dinâmico de qualidade, no qual suas práticas devem ser constantemente reformuladas.

Nessa observação percebo um novo incômodo, um novo problema a ser estudado: o que os estudos revelam sobre a formação de professores de Arte na educação infantil?

A formação de professores explica práticas descontextualizadas, já que trabalhos sem fundamentações teóricas podem ser observados em suas práticas. Outro ponto que merece atenção é a formação continuada desse profissional, respeitando as mudanças que ocorrem no ensino de qualquer disciplina, dando origem a novas práticas, novos olhares, novas expectativas, merecendo assim, pesquisas e novos estudos que contemplem este tema.

Capítulo 3

Analisando a prática docente e os materiais utilizados

Pensar o processo de ensinar e aprender Arte, ancorado na mediação docente, parece evidenciar, portanto, as intrincadas relações entre os aprendizes – com seus saberes, desejos, necessidades, interesses, resistências, assim como as intrincadas relações do objeto de conhecimento que queremos tornar ensinável e aprendido.
Mirian Celeste Martins

O que as crianças estudam e aprendem em Arte? Qual a concepção dessa disciplina? Qual é o foco do planejamento? Essas e outras perguntas nortearam minha observação nas escolas pesquisadas.

Na Escola João Arthur não existe planejamento específico para Arte. A professora da turma de quatro anos relatou que a arte aparecia na maioria das produções das crianças. De acordo com ela, cada desenho que ela pedia, cada modelagem, cada recorte já era considerado uma atividade de Arte, pois “arte é tudo!”. Relatou também que aproveitava as datas comemorativas para fazer máscaras, chapéus, bandeiras, entre outros ornamentos. Declarou ainda que:

“elas adoram!”. Quando interrogada sobre as outras turmas, se as professoras também aproveitavam as datas comemorativas, ela disse que toda a educação infantil realizava atividades parecidas, algumas vezes em conjunto. Em uma atividade de amassar, enrolar e colar bolinhas de papel crepom em desenhos estereotipados pude confirmar uma visão ainda pautada no ensino utilitário e tradicional do ensino de Arte, na qual é trabalhado a repetição, sem contextualização e reflexão. Atividades para desenvolver qualquer outra coisa, menos a construção do conhecimento em arte.

Tenho que dizer que tais práticas dessa escola me fizeram lembrar a minha infância na década de 80. “Albinhos” que eram folhas de atividades reunidas e entregues a família no final de cada etapa retratavam exercícios repetitivos e idênticos das crianças, nos quais desenhávamos, pintávamos, coloríamos da mesma cor, do mesmo jeito. E nos dias de hoje, trinta anos depois, ainda encontramos uma visão desarticulada do que é proposto para o ensino de Arte.

De acordo com Rizzi (2008) o ensino de Arte deve mobilizar situações significativas de aprendizagem que permite ao educando e educador uma interação que é ao mesmo tempo dinâmica e multidimensional. As ações básicas nos dias de hoje para esse ensino envolvem o ato fruir, fazer e contextualizar a obra de arte, de acordo com a Abordagem Triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa, numa visão de decodificar/codificar, experimentar, fruir, informar e refletir. Nessa visão, o que as observações de campo atentam?

Indaguei a professora, na tentativa de obter respostas, relatando: *“Eu já fiz essas atividades quando era criança...”*. A professora disse que essas atividades eram ótimas, pois ajudava as crianças lá na frente, na hora de escrever com a letra cursiva. Percebemos nesse diálogo uma preocupação com questões futuras desarticuladas com a proposta do ensino de Arte, com a experimentação, reflexão e fruição do presente. Parece-me comum em muitas escolas da Educação Infantil, que se preocupam em pré moldar crianças para o ensino fundamental, preparar para. Ainda pautado num ensino de Arte utilitarista, como se não houvesse conteúdos próprios a serem desenvolvidos.

Na fala das professoras observa-se que a arte não tem muita importância, que muitas vezes é utilizada apenas para desenvolver atividades que envolvam outras disciplinas, outros conteúdos, como se a Arte não tivesse conteúdos próprios. Fosse apenas uma muleta para outras disciplinas.

Constatei nessas muitas atividades fotocopiadas para colorir com o único intuito: “colorir dentro e não fora”, como um exercício de treinamento motor e como controle da disciplina. Pois, desenhos grandes demoram a ser coloridos. Além de não possibilitar o desenvolvimento da expressão da criança, outro aspecto importante foi também o uso da cola e da tinta. A professora e a auxiliar cuidavam para que as crianças não se sujasse, passando cola para a criança e pincelando na tinta o pincel para que o ambiente e a criança se conservassem limpos. O que podemos perceber nessas ações? Retomemos aos questionamentos de Ostetto e Leite (2004, p.82): “se minhas linguagens, minhas formas de expressão estão reprimidas, esquecidas, como propor suas múltiplas linguagens(...)?

Na Escola Antonio Nunes encontrei uma realidade muito parecida com a Escola João Arthur. Pude observar um foco muito grande também em datas comemorativas, tais como Dia do Índio, do Soldado, da Bandeira, Carnaval etc., conforme a fala da educadora. Nessa escola a professora disse que a proposta para o ensino de Arte era especial, “as crianças nessa idade precisam de arte, pois este é o último ano que elas vão ficar na educação infantil” (Depoimento da professora Ana, em agosto/2011). Nesse relato constatei a preocupação da educadora em oferecer algo que provavelmente elas não veriam mais nos anos seguintes, privilegiando apenas essa faixa etária. Ao ser questionada o porquê de quatro momentos de arte na semana, ela disse ter dividido os horários para sua melhor organização. Sabe-se que é necessária uma proposta de planejamento que acolha os objetivos do educador e ao mesmo tempo respeite a singularidade do grupo de crianças. Não percebo dessa forma que a hora/aula para essa faixa etária seja ideal, já que as situações significativas propostas devem ser flexíveis, de acordo com os níveis de desenvolvimento das crianças e interesses do grupo. Dividir as

aulas de Arte em quatro aulas de 50 minutos é não levar em consideração o ritmo da criança, o prazer e fruição do que será vivenciado toda semana em Arte. É padronizar a produção e criatividade das crianças ao produzir uma obra. É também desrespeitar o tempo da criança e da Arte em sua singularidade.

Além do foco em datas comemorativas, visualizei nos registros desenhos estereotipados, atividades repetitivas de desenhos livres e desenhos direcionados para ilustrar alguma situação vivenciada pelo grupo de criança, texto lido etc. Nesses desenhos, mesmo individuais, visualizei muitos registros parecidos uns com os outros. Se formos comparar essas práticas ao que é proposto hoje para o ensino de Arte, seria impossível falar de leitura, experimentação, informação e reflexão.

Acredito na possibilidade do trabalho de arte enquanto conhecimento convidando-nos dessa forma a fazer uma leitura ampla de tudo que vivenciamos em arte enquanto expressão. Nessa perspectiva, experimentações são necessárias, e o professor tem papel fundamental possibilitando ao educando construir, desconstruir, elaborar e reelaborar situações práticas significativas. Outro dado observado nessa escola, é que na semana anterior a semana que estive presente, a turma recebeu a avó de uma criança que pintava quadros e a professora relatou com vivacidade como foi a visita. Ela disse que a avó pediu para participar da semana da família promovida pela escola fazendo um momento de pintura com as crianças. De acordo com o relato da professora, a avó utilizou uma dinâmica em que as crianças se concentravam nas ações, na fala e na atividade promovida.

Primeiramente, a avó apresentou cinco quadros de sua coleção particular pintados por ela mesma. Diferentes tipos de pintura levantaram inúmeros questionamentos e desejo pela arte. Disse ainda que as crianças “naquele” dia não se preocupavam muito se os desenhos estavam bonitos ou não, elas chamavam-nos de arte, “isso é arte!”. Enquanto a professora me contava, uma criança escutou e nos disse: “ela podia vir de novo, né?”. A professora sorriu e continuou contando sobre a visita. Foi indagado a professora se não

proporcionava outros momentos como esse. Como resposta a professora disse que “às vezes tento, mas o corre-corre atrapalha. A professora ressaltou que às vezes é necessário “ajuda” para se trabalhar Arte pois a formação que teve na faculdade foi muito pouca. Afirmou ainda que, às vezes, pensa que não teve maturidade no curso, aprendendo muito mais com a prática de sua profissão. Não observei nessa entrevista continuidade do trabalho da professora sobre essa visita significativa, de acordo com sua própria fala e de acordo com as situações de aprendizagens apresentadas após a visita. Ela revelou apenas que a avó voltaria, a pedido das crianças.

Considerando uma reflexão a partir dessa experiência, faz-se necessário perceber que a falta de planejamento nesta área do saber, como em qualquer outra, dificulta a compreensão do processo, já que a continuidade permite que a sequência dê significado ao trabalho realizado.

A visita relatada é na realidade um convite à reflexão sobre a fruição da Arte na vida da criança e principalmente, como é o caso, no meio escolar. Na primeira infância percebemos as crianças aprendendo num mundo em que diferentes expressões e representações podem ser vivenciadas através do contato com várias práticas culturais. Nesse sentido, foi de suma importância receber a avó, uma artista, e na visita a possibilidade do aluno a escutar, apreciar para construir suas relações. Interessante observar também o contato das crianças com esses materiais didáticos, com obras de arte originais, e conversando sobre as obras e vida de artista.

No RCNEI (1998) fica explícito a necessidade do contato das crianças com diversificados objetos de conhecimento, necessários ao desenvolvimento das capacidades de expressão e comunicação na infância. Da mesma forma coloca as Artes Visuais com características que lhe são próprias, sendo abordadas através do fazer artístico, da apreciação e da reflexão. Percebe-se que a visita da avó possibilitou a apreciação, o fazer e a reflexão, aproximando a arte como expressão e como objeto da cultura.

De acordo com Coragem (2002) a arte torna-se ampla por favorecer inúmeras habilidades, tais como a descentralização da

criança no ato de mobilizar-se pelo outro e por outra cultura, promovendo dessa forma situações que envolvem reflexão, construção, sentimentos e atitudes. A autora defende a ideia de que a criança trabalha suas próprias emoções, ideias e conflitos ao mesmo tempo em que percebe e significa o mundo que a rodeia.

Ao contrário de situações nas quais as crianças poderiam ter trabalhado ideias e emoções para criações próprias, repetidamente percebi nas visitas uma atitude de centralização nas ideias do professor e respeito ao que as atividades sugeriam: “colorir com atenção, faça bem bonito, observe as cores”, quase sempre voltadas ao ato de colorir o papel.

Não presenciei momentos em que se propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, significativo necessário para desenvolver sensibilidade, percepção e imaginação. Nas práticas observadas não foi possível fazer uma leitura sobre o mundo, a cultura e os pensamentos que cercavam aqueles dois grupos visitados. Ao contrário de variedade e diversidade, visualizei cópias, desenhos e produções já acabadas. Não constatei a criança atuando de forma autônoma e criativa.

Percebi também um grande desvio de foco das indicações do RCNEI (1998). Nele indica que os educadores devem estar atentos a alguns objetivos a serem alcançados, garantindo que:

- a criança possa compreender e conhecer a diversidade da produção artística na medida em que estabelece contato com as imagens das artes nos diversos meios, como livros de arte, revistas, visitas às exposições, contato com artistas, filmes etc.;
- exista a possibilidade do uso de diferentes materiais pelas crianças, fazendo com que estes sejam percebidos em sua diversidade, manipulados e transformados;
- os pontos de vista de cada criança sejam respeitados, estimulando e desenvolvendo suas leituras singulares e produções individuais;
- as trocas de experiências entre as crianças aconteçam nos momentos de conversa e reflexão sobre os trabalhos, elaborações conjuntas e atividades em grupo;
- o prazer lúdico seja o gerador do processo de produção;
- a arte seja compreendida como linguagem que constrói objetos plenos de sentido;
- a valorização da ação artística e o respeito pela diversidade dessa

produção sejam elementos sempre presentes (BRASIL, 1998, p.107)

Essa análise indica a necessidade de fundamentação e planejamento das práticas educativas em ensino de Arte.

Considerações Finais

A título de conclusão

Diante das polêmicas que giram em torno do ensino de Arte na Educação Infantil percebe-se uma visão ainda centrada na pedagogia tradicional ou nova. Na pedagogia tradicional, uma visão de ensino centrada na figura do professor na transmissão de conhecimentos e na pedagogia nova, o professor deixa de ocupar o centro para ser o facilitador do conhecimento, partindo dos interesses das crianças.

Em relação à importância dos materiais didáticos, percebi que muitas escolas em Governador Valadares não adotam livros e apostilas na Educação Infantil e, os materiais utilizados nas escolas observadas ainda estão na lógica da reprodução e livre expressão. Não contribuindo para o desenvolvimento da expressão e construção do conhecimento em arte pela criança.

Ficou claro que as propostas para o ensino de Arte nas escolas observadas são de acordo com a concepção que os professores têm dessa área do conhecimento e de acordo com as experiências que esses vivenciaram ao longo da vida escolar e também pessoal. Ficou claro também que os professores que trabalham com Arte nessas

escolas não possuem formação em arte e não estão imersos nas produções artísticas.

Ao analisar a visão dos professores e suas práticas pedagógicas referentes à Arte observei a necessidade de novos estudos sobre a formação desse profissional como também os estudos e formação continuada nessa área.

Percebo ainda que, a reflexão sobre o espaço dedicado à Arte, suas propostas metodológicas e o planejamento do professor não podem ser analisados isoladamente, pois o conjunto desse olhar é que fará diferença no cotidiano escolar.

O conhecimento em arte, se socializado e refletido, poderá ser apropriado por profissionais tanto de Arte como das áreas afins. Cabe aos envolvidos do processo educacional (professores, supervisores, diretores) o desempenho do papel político que lhes compete, conscientes da necessidade de uma prática educativa transformadora e possível.

Esta monografia não deve ser considerada como pronta e acabada, porque se encontra articulada à realidade de duas escolas e por isso, solicita outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Alysson (org). *Desenvolvimento e Aprendizagem*. Belo Horizonte: UFMG, 2002

COUTINHO, Rejane. A formação de professores de Arte. In BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KINNEY, Linda e WHARTON, Pat. *Tornando visível a aprendizagem das crianças*. Porto Alegre: Artmed, 2009

OSTETTO, Luciana Esmeralda, LEITE, Maria Isabel. *Arte, infância e formação de professores. Autoria e Transgressão*. São Paulo: Papirus, 2004.

LOWENFELD, Viktor. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos. Ensino de Arte: perspectivas com base na prática de ensino. . In BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2008.

MARTINS, Mirian Celeste. Conceitos e terminologia. Aquecendo uma transformação: atitudes e valores no ensino de Arte. In BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2008.

PILLAR, Analice Dutra. A educação do olhar no ensino de Arte. . In BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2008.

RIZZI, Maria Christina de Souza. Caminhos Metodológicos. . In BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2008.

TOURINHO, Irene. Transformações no ensino da Arte: algumas questões para uma reflexão conjunta. . In BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2008.